



<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/com-licenca-exu/>

Com licença, Exu e abre-caminhos: por outros modos de conhecer e construir conhecimentos nas encruzilhadas psicossociais

Mariana de Castro Moreira[1]

Giovani Florencio[2]

RESUMO: O artigo propõe o diálogo entre a Psicossociologia e as epistemologias de Exu, tomando a encruzilhada como princípio ético, político, ontológico e metodológico. Afirmamos a necessidade de reinventar modos de pesquisar que rompam com o desencanto da ciência ocidental moderna, cultivando práticas enraizadas no corpo, no território e no afeto. Inspirados pelas pedagogias do cruzo e pelas éticas de encantamento, buscamos construir uma metodologia da encruzilhada, ou melhor, um caminho de pesquisa, que, ao invés de impor roteiros rígidos, abre-se às surpresas, às multiplicidades e às confluências. A cartografia, em diálogo com a Psicossociologia e com Exu, aparece como dispositivo privilegiado para acompanhar processos, ativar a atenção sensível e cruzar encruzilhadas. Assim, afirmamos que pesquisar com Exu é apostar em um movimento que é simultaneamente criação, comunicação e transformação. Trata-se de afirmar práticas de produção de conhecimento que sejam situadas, capazes de produzir conhecimentos plurais e de contribuir na invenção de mundos encantados e coletivos, insurgindo contra os silenciamentos coloniais. Em tempos de crise e desencanto, evocamos Exu para abrir caminhos de pesquisa que sustentem a produção de futuridades vivas e possíveis.

PALAVRAS-CHAVE: Exu. Encruzilhada. Psicossociologia. Cartografia. Metodologia.

Con permiso, Exu y abre-caminos: por otros modos de conocer y construir conocimientos en las encrucijadas psicossociales

RESUMEN: El artículo propone el diálogo entre la Psicossociología y las epistemologías de Exu, tomando la encrucijada como principio ético, político, ontológico y metodológico. Afirmamos la



necesidad de reinventar modos de investigar que rompan con el desencanto de la ciencia occidental moderna, cultivando prácticas enraizadas en el cuerpo, el territorio y el afecto. Inspirados por las pedagogías del cruce y por las éticas del encantamiento, buscamos construir una metodología de la encrucijada, o mejor dicho, un camino de investigación que, en lugar de imponer guiones rígidos, se abra a las sorpresas, a las multiplicidades y a las confluencias. La cartografía, en diálogo con la Psicosociología y con Exu, aparece como un dispositivo privilegiado para acompañar procesos, activar la atención sensible y cruzar encrucijadas. Así, afirmamos que investigar con Exu es apostar por un movimiento que es simultáneamente creación, comunicación y transformación. Se trata de afirmar prácticas de producción de conocimiento situadas, capaces de generar saberes plurales y de contribuir a la invención de mundos encantados y colectivos, insurgiendo contra los silenciamientos coloniales. En tiempos de crisis y desencanto, evocamos a Exu para abrir caminos de pesquisa que sostengan la producción de futuridades vivas y posibles.

PALABRAS CLAVE: Exu. Encrucijada. Psicosociología. Cartografía. Metodología.

Inã Inã mo juba aiyê / Ina mo juba
Exu do fogo, peço licença. Exu do fogo eu apresento meus respeitos (Machado, 2010, p. 10)

Há muito, temos pensado no ponto cantado que versa “Ê mulambê, ê mulambá, sua saia de retalhos tem história para contar”. Cantado nas noites em que Maria Mulambo vem saudar seus filhos e amigos em terra, penso que essa passagem diz a nós, pesquisadores que têm desafiado as cátedras coloniais do norte que, mais que nos determinar modos de produção de conhecimento, forjaram corpos, subjetividades e modos de pensar/estar no mundo, direcionando flechas do sul ao sul.

Mas não! Em tempos de encruzilhadas como as que temos vivido - marcadas pelo avanço da lógica neoliberal, pelo ultra conservadorismo e pela cultura do ódio, legitimadas pelos últimos governantes e expressas nas tentativas de golpe no Brasil, pela precarização das políticas públicas, pela pandemia da COVID19, dentre muitos outros fios que talvez não nos ajudem a caminhar - este artigo é um exercício de resistência tecido pela afirmação de que sim: temos histórias a contar, a



partir dos retalhos que nos compõem. Evocamos, assim, Exu como força motriz que ensina a fazer escolhas, firmar os pés no chão e reencantar nossa caminhada!

Existe uma espécie de semiótica peculiar, vislumbrada quando nos encontramos num movimento de dobradiça sobre os territórios encantados Brasil afora. Nos terreiros, onde dançam caboclos, sambam malandros e moças e encantam crianças, costuram-se redes de agenciamentos plurais que nos dizem de outras formas de estar sobre a terra - formas essas que remontam ao que Krenak costura por “futuro ancestral” (Krenak, 2022). Esses agentes, entendidos enquanto espíritos, pisam na terra por meio de seu *kavalu* - palavra em *kimbundu*, língua do povo banto, traduzida como amigo, companheiro, em português (Assis Junior, 1994). Por possível semelhança sonora, é também comum ouvir nos terreiros que se é cavalo de uma determinada entidade, no sentido de ser montado pela força espiritual - deixando mensagens, afetos, cruzamentos. Recontam suas próprias histórias.

Não seria esse também um processo pelo qual temos lutado? Recontar nossas histórias, as histórias que sempre foram contadas por terceiros, como se nós, os subalternizados, os marginalizados da sociedade ou os “esfarrapados do mundo”, como nos dizia Freire (1968) - pessoas negras, indígenas, lgbs+, com deficiência, mulheres - não pudéssemos falar por nós mesmos. Mesmo que ainda não suficientemente, hoje, podemos ecoar nossas vozes por salões onde outrora figurávamos somente enquanto estranhos objetos de estudo.

Nesse sentido, temos também baixado nos chãos das academias, deixando mensagens, afetos e cruzamentos, assim como faz Maria Mulambo, Seo Tupinambá, o velho Tomé, e vários outros pelos chãos pisados dos terreiros do Brasil. Lélia Gonzalez (2020) entra na gira e nos adverte que linguagem é poder, e, por isso, reforça a importância cadente de tomarmos a fala, a língua e, portanto, o poder. Este é processo espiralar que se direciona sobre (des)reduzir “o mundo à imagem refletida da branquitude” (Kilomba, 2019, p. 15) e seus signos. Na mesma direção, seguimos para reflorestar nossas florestas internas, nossos modos de fazer. Nutrindo outras mudas dentro da academia (Haddock-Lobo, 2022), reflorestando o inconsciente (Krenak, 2022). É preciso plantar! Por isso, nosso objetivo neste artigo é propor caminhos metodológicos entre a Psicossociologia e as pedagogias e epistemologias de Exu, caminhando por encruzilhadas enquanto reinventamos o potencial de encante do ato de pesquisa.



Todavia, não é suficiente que mudemos nossos discursos, é preciso mudar nossas práticas (Freire, 1979). A discussão metodológica, nesse sentido, nos é muito cara. Não parece fazer sentido advogar por uma mudança epistemológica em nossa escrita, em nossas bases teóricas, se não alterarmos também nossa forma de aproximação junto a elas. Isto é, a dureza de certos “modos-de-se-fazer” ciência precisa alterar-se para dar conta de narrativas que não compartilham dessa mesma dureza. Assim, radicalizemos nossos modos de construir conhecimentos e, em decorrência, nossas políticas de escrita e métodos.

Compreendemos que nossa proposta pode ou não ser tomada em sua totalidade para certos tipos de práticas-pesquisas. Por exemplo, uma pesquisa de cunho experimental, talvez precise se valer do método, de forma cartesiana, para caminhar. Entretanto, algo do processo, do caminho, mesmo da forma como podemos nos aproximar dos números, aparentemente duros e frios, pode ser contaminado pelas aberturas que propomos. Acreditamos que nas artes, na educação e nas ciências sociais, de modo geral, encontra-se maior abertura para as perspectivas aqui elaboradas.

Assentando a psicossociologia com Exu

O território acadêmico de onde partimos - porque sim, é importante sempre nos situarmos - localiza-se em um Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (EICOS/UFRJ). De lá, temos problematizado a urgência de afirmarmos uma Psicossociologia “nossa”, brasileira, situada, racializada. Nascida nos países do norte, parece-nos que aqui precisa “antropofagiar-se”, incorporando as carnes e corpos do sul, forjados de modos outros.

Esta construção/invenção de uma Psicossociologia “nossa” parece se criar sobre encruzilhadas que tensionam suas *expertises* em ação no território, sem universalismos ou reprodução teórica desmedida. O desafio parece apontar a necessidade de reinventar “nossos entendimentos sobre o que chamamos de psicossocial e, em decorrência, ressituar nossas intervenções e modos de conhecer” (Pedro, Moreira, 2021, p. 8).

Nestas trilhas, temos perseguido algumas pistas para atravessar as matas e desatar algumas armadilhas. Além de tentar escapar dos universalismos coloniais e norte centrados e suas teorizações a priori, radicalizamos os pés nos nossos campos e práticas como pontos de partida para todo o processo de construção de conhecimentos - sempre locais, parciais, situados, coletivos



e políticos - entendendo as realidades não como naturais ou dadas, mas como uma justaposição de elementos heterogêneos, que precisam ser cartografados a partir e com os modos como se configuram em cada campo-tema pesquisado (Latour, 2008; Stengers, 2002).

Com Haraway (1995), temos buscado exercitar e desconstruir algumas das próteses e tecnologias de visualização que nos formaram mas que, ao mesmo tempo, forjaram modos de ver o mundo, tomando as realidades de modo demasiadamente naturalizante e situando o conhecimento científico em um lugar de onisciência, o lugar de “quem tudo vê”. Na contramão, buscamos modos de conhecer encarnados, situados, acreditando que problematizar os efeitos que nossas práticas engendram nos corpos e na vida dos sujeitos é o nosso compromisso ético-político.

É a partir de uma atenção à percepção singular das multiplicidades e dos contornos das redes ali projetadas que podemos começar a conhecer. Sendo o foco dessa Psicossociologia as redes e seus movimentos e não as identidades, cria-se um espaço na pesquisa para a criação, para a surpresa, para que as narrativas possam se constituir no e do território e não num lugar de uma realidade preconcebida sobre objetos específicos. A relação mostra o caminho.

A Psicossociologia que aqui mobilizamos e partimos não busca compreender nossos campos como meros objetos de estudo, mas como co-participantes de uma construção de conhecimento. É na dobra entre saber, corpo, território e afeto que ela se faz viva. Não é apenas método ou teoria: é caminho. Caminho que se abre, que se entorta, que se deixa afetar. Aqui, Exu, enquanto aquele que brinca, que reinventa começa a aparecer (Rufino, 2019a).

A encruzilhada pode ser encarada aqui como um princípio ontológico do cruzo, “da reivindicação da não pureza, dos efeitos de Enugbarijó (Boca que tudo come) e das sabedorias de frestas, aquelas que operam nas fronteiras e nos vazios deixados pelo poder colonial.” (Rufino, 2019b, p. 271). É por ali também que ele se sustenta e se faz possível. Sendo a cultura negra uma cultura das encruzilhadas, como nos lembra Leda Maria Martins (2021), é impossível não trazê-la à tona para falar com terreiros e outros modos de se fazer ciência.

Nas elaborações discursivas e filosóficas africanas e nos registros culturais delas também derivados, a noção de encruzilhada é um ponto nodal que encontra no sistema filosófico-religioso de origem iorubá uma complexa formulação. Lugar de interseções, ali reina o senhor das encruzilhadas, portas e fronteiras, Èsù Elegbára, princípio dinâmico que medeia todos os atos de criação e interpretação do conhecimento (Martins, 2021, p. 32).



Leda Martins foi pioneira ao trazer experiências vivas e situadas do povo negro à academia, nos incitando a conversar com Exu, com as encruzilhadas e com o corpo quando poucos falavam desse lugar.

Quem é de terreiro sabe que não habitamos encruzilhadas de forma pragmática, nós vamos até elas, fazemos o que é necessário, saudando quem é de direito e seguimos - nós as atravessamos de forma transformadora. Ainda assim, há um valor em se falar sobre o habitar das encruzilhadas. Uma escrita acadêmica que se propõe a falar com e a partir dos terreiros - e aqui saudamos e pedimos licença a quem de direito - se ergue justamente sobre a noção de encruzilhada porque há a necessidade do cruzamento, de sustentar oposições, divergências, caminhos plurais; trata-se sempre de um confronto. E, assim como nas encruzilhadas, parece haver, na academia, para corpos dissidentes, uma certa postura para cruzar o território - partindo da afirmação de um espaço, de um direito, de uma narrativa. Uma postura que é incorporada também no fazer da pesquisa.

Um campo que se firma com os terreiros, numa perspectiva de reinvenção de métodos nesse processo, firma-se sobre o corpo, a dança e a experiência. Por isso, é necessário compor tal método, ou melhor, abrir caminhos, que nos conduzam em direção a um corpo-pesquisador igualmente encantado, vivo, presente - em ressonância ao território, uma dobra de agenciamento corpo-território (Florencio, Klein, 2023; Miranda, 2020), por fim. Um corpo-pesquisador-território que não apenas observa, mas que também sente, dança, se envolve, se afeta. Um corpo que cruza encruzilhadas e se deixa transformar por elas. O que, partindo de nosso campo, a Psicossociologia, inicialmente, é abraçado e não rechaçado, como é por campos teóricos outros que parecem almejar o enrijecimento.

Um dos autores que integram as leituras do campo da Psicossociologia é Félix Guattari. Em “As três ecologias” (2000) o autor nos convida a repensar a noção de ecologia. Segundo o autor, estamos em constante relação com três registros ecológicos: o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana. Os três são indissociáveis. É curioso pensar que Guattari elabora esse pensamento em 1989, provocando importante deslocamento à subjetividade acadêmica de sua época. O psicanalista colocava em voga os devires minoritários e inclusive aqueles não humanos, destacando a importância da relação com devires animais, vegetais, cósmicos, maquínicos na criação de outros contextos históricos. Seu discurso ecológico teorizado, nos remete



automaticamente ao pensamento ecológico - vamos assim também nomear - presente nos terreiros, espaços que sempre se relacionaram de forma singular com o território e com todos os agentes que dele fazem parte, entre humanos e não humanos. Vide a máxima repetida pelos terreiros de tradição yorubá em todo Brasil: “*kò sí ewé, kò sí òrìsà*”, em português, “sem folha, sem orixá”. Tal dito deixa entrever a inter-relação primordial entre diferentes agentes do território - é a composição de uma rede de encantamento. “Para o grupo negro, o território com um todo é um patrimônio a ser respeitado e preservado” nos lembra Muniz Sodré (2013, p. 168).

Guattari ainda nos convida a refletir sobre o crescente problema de normatização das subjetividades e consequente perda da aspereza da alteridade, isto é, estamos cada vez mais iguais, normatizados, serializados - desejando o mesmo, construindo o mesmo, adorando o mesmo. Contra esse processo, o psicanalista aposta numa revolução molecular, ou seja, do invisível, do que é pequeno e relacional, ética-estética e politicamente, num movimento de contracorrente. Ao longo de sua obra, destaca a importância de uma tomada comunitária sobre as coisas, na reconstrução de engrenagens psicossociais, na produção de subjetividades que possam adquirir autonomia e construir redes. Para ele, a articulação é uma palavra chave para a superação de obstáculos modernos-industriais, de nosso tempo.

As noções de Guattari parecem flertar com a produção de conhecimento dentro dos terreiros, uma vez que nesses territórios a diferença, a construção de rede e de articulação são base (Sodré, 2013). Partindo da concepção que nada se faz sozinho, além da constante relação entre humanos e não humanos em pé de igualdade, são movimentados processos de subjetivação contra hegemônicos que rompem com as já dicotomias modernas: natureza-cultura, sujeito-objeto, mente-corpo, psico-social. Tais processos não apontam para um movimento de “calar” Guattari ou outros autores do norte que trataram de modos outros a ecologia; mas de escutar, de forma igualmente potente, as vozes negras e indígenas que sempre conheceram ecologias outras e que foram silenciadas até então. “A comunidade-terreiro tem exibido ao longo dos tempos um antídoto para essa dificuldade visceral do Ocidente em face da aproximação real, territorial, das diferenças” (Sodré, 2013, p. 182). Em consonância com Quintanilha, Florencio e Moreira (2025),

tem-se no reencontro com a negritude, em suas contribuições com a formação de subjetividade no Brasil, possibilidades de (re)construção de narrativas, ou melhor, a possibilidade de que narrativas, outrora dissidentes e marginalizadas, sejam propriamente ouvidas e disseminadas (p. 116).



No âmbito das possibilidades metodológicas destacamos a importância da criação de metodologias participativas que se relacionam diretamente com o campo e com os sujeitos. Metodologias essas que, como propõe Latour (2008), acompanham os atores em suas ações, criando rastros em conjunto, ao invés de impor roteiros. Reforçamos, nesse contexto, a necessidade de uma postura ético-política pautada na delicadeza e no cuidado ativo, como condição fundamental para uma aproximação que não seja violenta, nem reproduza a lógica da chegada das caravelas - aquela que parte da perspectiva do um que tudo sabe ensinando aos outros que nada sabem. Postura essa enraizada no racismo colonial, que precisa ser recusada desde o processo mais elementar de pesquisa.

Novamente, a Psicossociologia aqui é como uma disposição: uma abertura para escutar o mundo em suas vibrações múltiplas, nos rastros e rastelamentos que os territórios vão compondo nos/com os corpos e no fazer da pesquisa. Este campo parece nos oferecer uma ética do encontro que rompe com a expectativa da neutralidade científica e se compromete com a criação de mundos possíveis, plurais, enredados, encantados. Ao nos aproximarmos dos terreiros com essa disposição, o que emerge é menos uma descrição-sobre e mais uma escuta-com. Escuta essa que se faz com corpo, ritmo, pausa, desvio, toques e reinvenção. Essa escuta então funcionaria como um fio condutor das experiências.

Fazer pesquisa em uma perspectiva exusíaca é entrar em campo levando oferendas: tempo, escuta, afeto, abertura, atenção. Há uma disposição à abertura, à ação transformadora do campo, não só a nível de realização da pesquisa mas na própria relação pesquisador-campo. Ao invés de impor uma forma de conhecer, trata-se aqui de construir metodologias/formas de pesquisar que se deixam atravessar pelos modos de existência que se desenham nesse chão.

Se o campo é encruzilhado, nosso método também precisa saber ser curva, dobra, ginga, esquina, encruza. Cruzar encruzilhadas é também cruzar epistemologias, tensionar linguagens, escutar cosmologias. Ao afirmar uma pesquisa que se orienta pelo corpo, pela experiência, o que se coloca não é apenas uma crítica às formas hegemônicas de produção de conhecimento, mas a aposta radical de que é possível, e urgente, criar outros modos de estar com o mundo. Encantar, aqui nesse contexto, não é um adorno: é um gesto político. É aquilo que possibilita romper com o desencanto da ciência ocidental moderna, que exclui, separa, categoriza e hierarquiza - é uma



aposta na vida. Encantar é cruzo, é relação, é nó que liga mundos e corpos. Essa é a aposta aqui, do cruzo entre a Psicossociologia, Exu, os terreiros, as ervas, os ventos, os ancestrais, as palavras, os toques e os corpos: criar mundos que dizem de nós, dos nossos, que possam contribuir na criação de futuridades que sejam vivas/encantadas e não mortas/desencantadas. Poderia dizer que a Psicossociologia figura como uma espécie de lente que nos auxilia nessa aproximação em nosso chão de pesquisa, de toda forma, amparado em Oyěwùmí (2018), para além de lentes, as teorias carregadas pelos bolsos da Psicossociologia nos servem mais como meias. Elas calçam nossos pés mas não impedem o contato com o chão, nos convidando a sentir o chão em que pisamos, não somente observá-los por meio de lentes.

Encruzilhando os caminhos

Para compor uma metodologia é preciso “saber pisar”. Dizemos isso pois pensar o método evoca uma certa territorialidade alocada em concepções de uma ciência cartesiana, e, por isso, é necessário que entendamos onde estamos nos colocando aqui. Comumente entendemos o método enquanto uma espécie de passo-a-passo, que, quando seguido, tem como consequência um mesmo resultado. Assim, atinge-se a “verdade” da ciência, pela reprodutibilidade. Nesse sentido, nossa aposta de método é tanto mais uma abertura de caminhos, ou, em alusão à própria erva de mesmo nome, ao invés de um “método”, estamos falando de um “abre-caminho”. Essa erva é, de alguma forma, especialmente, comum. Ela brota do chão simples e despercebido. Suas hastes verdes esguias e, ocasionalmente, floridas, nos convidam a operar cortes. Também conhecida como quebra-demanda, é uma erva amplamente utilizada com os propósitos de limpeza, proteção e abertura. Aqui, ela banha nossos caminhos para que possamos conversar sobre esse tal método: é preciso operar, cortar, propor limites, construir pontes e expandir o fazer. Método vem do grego *meta*, através de, por meio de, e *hodos*, caminho, via de acesso (Haddock-Lobo, 2022). Ou seja, é o meio para que possamos chegar a algum outro lugar, ou ainda, dispensando a ideia de finalização, é o que abre os caminhos para que possamos nos movimentar em direção ao campo-tema, ou chão de pesquisa. Para isso, repito: é necessário saber pisar. Nesse sentido, reforçamos o que foi levantado anteriormente, acerca da necessidade de uma costura outra para se pisar em campos como os terreiros, chão populado por existências que remontam outras experiências de vida - é preciso chegar também de outras formas. Como disse dona Ivone



Lara “alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho”. Assim, demarcamos a preocupação e o cuidado ao pensarmos para além do método, mas nas encruzilhadas, entre Exu e abre-caminhos, enquanto movimentos que precisam acompanhar o campo e não se impor sobre ele, podendo, inclusive, vir a ser elaborado em conjunto com este, numa produção que é coletiva. Partindo daqui entendemos que é essencial garantir o caráter participativo dos sujeitos envolvidos na pesquisa, fazendo valer seu protagonismo e uma inclusão ativa no processo de produção de conhecimento (Kastrup, Passos, 2013).

É necessário pensar nas confluências (Bispo dos Santos, 2023) que cercam a intenção do que aqui chamamos de abre-caminho. Nossa abertura de caminhos cria pontes entre: aqueles que chamamos para pensar-com, os que caminham ao nosso lado, nosso campo, aqueles que pesquisamos-com, as imprevisibilidades, recalcitrâncias e surpresas do campo e também nosso arcabouço teórico.

Há ponto cantado para a linha dos preto velhos que diz: “Com licença de Zambi eu vou abrir minha Urucaia / ô na fé de Oxalá, eu vou abrir minha Urucaia / Ô na fé dos Pretos velhos / Eu vou abrir minha Urucaia / Com licença de Zambi / Eu vou abrir minha Urucaia”. Cantado no início de algumas sessões de Umbanda, ele ilustra um tanto de nossa intenção de abertura de caminhos ao nos apresentar um cruzo que se reflete entre a pesquisa e o campo. Primeiramente, ele é cantado a fim de abrir, iniciar os trabalhos, para que estes possam avançar; mostra um caminho. Ele é cantado após a proteção garantida dos exus e das pombo-giras. Este caminho é aberto na fé de diferentes figuras: Oxalá, Zambi, os pretos velhos... Oxalá é um orixá do panteão yorubá, enquanto Zambi, ou Nzambi, é o grande criador dos povos bantu, já os pretos velhos trazem consigo signos de uma história brasileira. Entre o sincretismo e as possibilidades do cruzo, apostamos na segunda enquanto uma amarração também de abertura/construção de caminhos, de reinvenção e sobrevivência. Historicamente, foi a partir da união de diferentes povos e saberes que foi possível (re)existir. Isto posto, é no amparo principalmente da (po)ética de Simas e Rufino (2018) que parece ser possível andar nos caminhos abertos de uma pesquisa que caminhos no novo, nos caminhos reinventados sob a força de Exu. Em território brasileiro, Oxalá, Zambi e os preto-velhos dão as mãos sem qualquer estranhamento. Nessa linha, pensamos ser possível operar cruzos, também potentes, entre diferentes atores em outras instâncias, como na pesquisa.



Nosso caminho, sendo pavimentado pelo cruzo, tem como esquina diversas encruzilhadas. Diante disso, talvez essa possa ser uma nomeação para o que discutimos aqui: a encruzilhada-exu-abre-caminhos como modo outro de fazer pesquisa. A sabedoria que ampara nosso campo vem da possibilidade de construção de vida após o terror da morte. Não dizemos isso no sentido que orbita o campo do espiritual morte-vida, mas no sentido mais pragmático possível. Os horrores cometidos por europeus no sequestro e em todo processo de escravização de povos africanos e indígenas terminaram por criar linhas cruzadas, encruzilhadas propriamente ditas, que deram cor, corpo, cheiro, forma e - dentro de uma perspectiva possível - vida ao que conhecemos hoje por Brasil. Simas e Rufino (2018) nos contam que é nesse sentido que a diáspora africana configura-se como uma encruzilhada. Uma relação que foi banhada pelo mar, dando os tons de transatlanticidade (Nascimento, 2022) que sustentam nossas criações. Esse não é um ode a misturas de raças e culturas, mas uma constatação de seus efeitos.

Como o imbondeiro africano, as culturas negras nas Américas constituíram-se como lugares de encruzilhadas, interseções, inscrições e disjunções, fusões e transformações, confluências e desvios, rupturas e relações, divergências, multiplicidade, origens e disseminações (Martins, 2021, p. 31).

Nós que somos da encruzilhada temos uma certa desconfiança com o caminho reto (Simas, Rufino, 2018) e, por isso, tratar do método demanda delicadeza e ajeitamento. Simas e Rufino (2018) trabalham a concepção de cruzo como uma perspectiva teórica e de abertura de caminhos assentada no saber das macumbas, isto é, amparada na concepção de vivacidade, encantamento, experiência e saber corporificados. Nesse sentido, o cruzo nos convida a abrir mão da ideia de homogeneidade nos inclinando à potência das misturas que não se anulam. Os cruzos se delineiam como ações transgressoras que buscam “potencializar as experiências subalternas” (Simas, Rufino, 2018, p. 27) no comprometimento com uma “transformação radical que ao operar sobre o debate epistemológico busca tensionar as problematizações acerca das justiça cognitivas e sociais” (Simas, Rufino, 2018, p. 27). Eles afirmam o cruzo como uma prática “transgressiva de atravessamento, sucateamento e antidisciplina” (Simas, Rufino, 2018, p. 27). A ideia é que possamos amarrar, desamarrar, dar nós outros para sustentar ideias que sejam afastadas dos cânones ocidentais materializados através de uma política racista e colonial.



A aposta é que, mesmo através desses, possamos trabalhar pela política do encantamento para que seu uso seja situado, atuando sobre uma translocação cuidadosa. Aqui, o encantamento, enquanto o que dá o nó em nosso cruzo epistêmico-metodológico, é a linha que ativa seu potencial de multiplicidade, de possibilidade e de criação - é o que sustenta nosso caminho para fora daquilo que é tido como desencante: “o fechamento de possibilidades, o esquecimento, a ausência de poder criativo, de produção renovável e de mobilidade” (Simas, Rufino, 2018, p. 34).

O cruzo e a encruzilhada são elementos de intencionalidade metodológica (Rufino, 2019a). Ao tensionarmos Norte e Sul, na perspectiva de criação de outros modos de fazer, encontramos-nos com Exu, uma vez que é ele quem habita e comanda estes espaços. Tenta-se sustentar uma “perspectiva teórico metodológica assentada nos complexos de saber das macumbas brasileiras” (Rufino e Simas, 2018, p. 28) e no pensamento enterreirado (Nascimento, 2020), que almeja desatar nós e quebrantos coloniais sobre os corpos e as coisas.

Para que possamos avançar, pedimos que imaginem o cruzo como uma espécie de oferenda. Intenciona-se unir diferentes saberes, meios de conhecimento, a fim de criar outras coisas. Aqui, o cruzo figura ao lado das atitudes de antropófago (Rolnik, 2011) e também se alia com Enugbarijó, a boca que tudo come (Simas e Rufino, 2018). Pode ser uma boa idéia entregar esse cruzo à rua, para que seja constante o movimento em nosso fazer da pesquisa.

Nos terreiros, a atenção não recai sobre o ver ou o não-ver, mas sobre o sentir, comer, escutar, para então conversar, relacionar, habitar (Haddock-Lobo, 2022). Na encruzilhada, quando oferendas são arriadas, junto de presentes e pedidos aos ancestrais, é preciso atenção, cuidado, passos calmos, e uma percepção aguçada que cultiva outras vibrações e posturas corporais. Nesse sentido, parece haver alguma aproximação entre o macumbeiro e o pesquisador que almejamos ser. Seria o macumbeiro um pesquisador nato, ou o contrário? O macumbeiro é um poeta do feitiço, aquele que reconhece “a plenitude da beleza, da sotifisticação e da alteridade entre as gentes” (Simas, Rufino, 2018, p. 5) aquele que tem uma

definição de caráter brincante e político, que subverte sentidos preconceituosos atribuídos de todos os lados ao tempo repudiado e admite as impurezas, contradições e rasuras como fundantes de uma maneira encantada de se encarar e ler o mundo no alargamento das gramáticas” (Simas, Rufino, 2018, p. 5).



A cartografia, em diálogo com a abordagem psicossocial, tem sido aliada no processo de se pensar outros modos de se fazer ciência, tem como um de seus objetivos o desenho da “rede de forças a qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seus movimentos permanentes” (Barros, Kastrup, 2015, p. 57). Para isso, é preciso que haja uma certa conexão com o plano coletivo de forças, um “deixar levar”. De maneira confluyente com macumbeiro, é também preciso o cultivo de uma outra atenção (Kastrup, 2007).

Enquanto uma ética de pesquisa, partimos do PesquisarCOM (Moraes, 2010) como um outro pressuposto de um modo de pesquisar. Aqui, damos contorno ao que é criado no entre, no conjunto. Ao nutrirmos uma ética de presença, na pesquisa buscamos produzir o comum, analisar as implicações, produzir restituições e dobrar-se sobre as possibilidades de uma escrita que deixe o outro aparecer. A aposta do COM aqui é uma aposta no comum que se mantém heterogênea, repleta de alteridade e potência. O COM nos permite criar em conjunto, na encruzilhada, se assim posso colocar, de maneira a tomar o mundo em sua rede criativa, de multiplicidade, sem naturalizações que encerram o pensamento. Também, partindo de Law (2003), em conjunto a Moraes (2010), reforçamos a ideia da pesquisa que cria mundos uma vez que “o caráter performativo das práticas é para marcar que a realidade é feita, não está dada” (p. 36) reafirmando também que “nossas práticas não são neutras, elas são vetores que produzem realidades” (p. 37). Assim, não há um campo, em si, a ser estudado, com um espaço previamente moldado, mas há campos, há conexões, há experiências a surgir conforme o ato de pesquisar, de se aproximar. Partindo dessa perspectiva, enquanto um aparato ético, a pesquisa precisa ser engajada, situada para que seja uma pesquisa COM o outro e não sobre o outro. E nesse sentido, pensamos: que realidades criamos com nossas pesquisas? Há aqui, uma inclinação sobre um campo subalternizado dentro da academia enquanto uma escolha também política de criação de um mundo que almeja dizer de outras narrativas que não as hegemônicas.

Do COM vamos ao plano comum, na direção do que nos ensinam Kastrup e Passos (2013, p. 264) como o “acesso à dimensão processual dos fenômenos que investigamos indica, ao mesmo tempo, o acesso a um plano comum entre sujeito e objeto, entre nós e eles, assim como entre nós mesmos e eles mesmos. O acessar esse plano comum é o movimento que sustenta a construção de um mundo comum e heterogêneo.”



Se pesquisamos com um coletivo, falamos de alguma forma, de um comum. Como nos aproximar dele ou provocá-lo? O plano coletivo de forças não está dado e é essencial que possamos alcançá-lo para conduzir a pesquisa. Nos terreiros, ou seja, em comunidade, o coletivo tem uma primazia, sendo a partir dele que o próprio espaço se faz possível. A partir da transversalidade (aquilo que extravasa entre o horizontal e o vertical, assumindo um caminho que entremeia) enquanto diretriz, buscamos acessar o comum enquanto investigadores. A realidade complexa que surge na pesquisa, em articulação com o território, as subjetividades, as singularidades das relações, deixam entrever rizomas, redes (Kastrup, Passos, 2013). É no acompanhamento dessas linhas de força que temos acesso ao comum. Mais uma vez, o comum não é o homogêneo, pelo contrário, guarda em si a potência do heterogêneo, da diferença. Ele “não é dado a priori, mas se enraíza na experiência, se aprofundando e se enriquecendo com ela” (Kastrup, Passos, 2013, p. 267) - é uma construção coletiva de conhecimento. Aqui, a pesquisa enquanto criação de mundos se encontra com a aposta política do encantamento enquanto aquilo que recria o mundo, sendo uma atitude frente ao que temos (Haddock-Lobo, 2022). Assim, o desejo é de se criar mundos encantados que façam frente ao desencanto acadêmico e do viver.

A encruzilhada é uma forma de presença, sendo um campo de possibilidades, é “o símbolo máximo do sentido de transformação, inacabamento, ambivalência, imprevisibilidade” (Rufino, 2019a, p. 13). A encruzilhada e Exu enquanto inspirações para um método nos convida a repensar nossos caminhos, pauta e exige escolhas. Ao nos aproximarmos deles, devemos saber que é um local habitado por forças para além de nossa habitual atenção. Como lembra Leda Martins (2021), ali quem manda é Exu. Assim, devemos pedir licença, fazer o que for necessário e sair com respeito, sempre transformados. Essa aproximação nos pede um outro estado corporal para que possamos nos sintonizar com nossas intenções.

A postura na encruzilhada tem algo de uma postura também de pesquisa. A encruzilhada nos convida à mudança, a caminhos paradoxais, ao fluxo de idas-e-vindas e nos apresenta Exu enquanto promotor dessas linhas de força. Sendo assim, se uma pesquisa tem surpresas, como é de se esperar, ela tem Exu. Uma pesquisa sem surpresas, que segue inteiramente como foi planejada, do início ao fim, é uma pesquisa sem Exu, e, sendo assim, sem comunicação, sem transformação e sem movimento. Em que ela poderia contribuir ao mundo? Se a cartografia “procura assegurar o rigor do método sem abrir mão da imprevisibilidade do processo de



produção do conhecimento” (Kastrup, 2007, p. 19), ela também faz um acordo com Exu para que seja transformadora e catalisadora de fluxos, ou seja, encantada e não inerte, morta. É nesse sentido que a cartografia se aproxima de Exu e da encruzilhada: somos do movimento e é ele que buscamos, não partimos de representações, mas de construções que são coletivas, feitas e refeitas a cada passo dado. É sobre esse chão e esses passos que dobramos nossas lentes de pesquisa.

Faz-se necessário pautar que a cartografia e o cruzo se sobram numa proposta de contaminação. Isto é, mesmo emergindo de territórios dissonantes, acreditamos nas linhas de força que desenham, entre fluxos, afetos e atenções, uma amarração conceitual propicia sobre os caminhos de ambos fazeres. A cartografia, mesmo sendo contra hegemônica em sua proposta de fazer ciência, precisa ser situada, devorada e cuspidada, para que possamos caminhar com ela. É o que fazemos aqui ao encruzilhá-la.

Exu sendo aquele que pratica estripulias no conhecimento (Rufino, 2019a), enquanto princípio epistemológico, coloca em movimento e traz ação aos processos de pesquisa. Queremos recebê-lo e trabalhar com ele, ao invés de resistir aos seus movimentos. Lembremos: “a ação de pesquisar também requer uma abertura à desterritorialização” (Kroeff, Gavillon, Ramm, 2020, p. 472).

Como dito acima, na encruzilhada, é preciso que cultivemos outra qualidade de atenção, se não, não seremos capazes de perceber aquilo que precisamos. Percebemos que a atenção, ao macumbeiro e ao cartógrafo são instrumentos caros de análise. Para ambos, ela é um meio de acesso ao mundo. O cultivo da atenção que nos direciona ao novo, à surpresa, é uma postura da cartografia e também da encruzilhada. Informações, saberes e expectativas precisam ser deixados na porta de entrada e o cartógrafo deve pautar-se sobretudo numa atenção sensível, para que possa, enfim, encontrar o que não conhecia, embora já estivesse ali, como virtualidade (Kastrup, 2007).

Como uma antena parabólica, a atenção do cartógrafo realiza uma exploração assistemática do terreno, com movimentos mais ou menos aleatórios de passe e repasse, sem grande preocupação com possíveis redundâncias. Tudo caminha até que a atenção, numa atitude de ativa receptividade, é tocada por algo (Kastrup, 2007, p. 19).

Assim, a atenção na encruzilhada é de alguma forma como uma ativa-receptividade. Para que possamos alcançar a experiência de relação é preciso perceber o corpo, perceber o vento,



perceber o chão em que se pisa e a palavra que se joga ao ar. O corpo também fala, percebe, vê, ouve e diz muita coisa - seja no terreiro, ao cartografar ou ao deixar uma entrega na encruzilhada. Assim, temos aqui saberes assentados no corpo (Simas, Rufino, 2018), fundamentos que são sentidos com as narinas (Haddock-Lobo, 2022). Os movimentos de rastreio, toque, pouso e reconhecimento atento compilados por Kastrup (2007) também nos atendem na encruzilhada e complementam seu método ao dialogar com a atenção necessária nesse espaço. O corpo é intencionado para o campo, é necessário uma preparação prévia, semelhante também ao que é feito na macumba com a preparação do corpo para os trabalhos a serem desempenhados. Em ambos, o corpo figura enquanto espaço de troca, e de ativa relação com o mundo, é o corpo-território.

O terreiro, por mais que configure um espaço geográfico, toma uma proporção estendida de território. Nesse sentido, o campo de pesquisa se aproxima da concepção de Kroeff, Gavillon e Ramm (2020) quando estas alargam a concepção de campo-tema e território existencial afirmando que este se “constitui das relações entre as práticas e os saberes de pesquisadores(as) e participantes da pesquisa” (p. 468). Aqui, numa dobra de agenciamento, o território de pesquisa não só compõe o campo-tema mas também o próprio corpo-território do pesquisador e daqueles com os quais ele pesquisa em conjunto. Há uma relação com o campo que se dá também constantemente atravessada pelo campo das implicações, que deve ser então, constantemente posto em análise. Partindo dos terreiros enquanto espaço de subjetivação, um campo-tema que se dobre sobre suas epistemologias é um campo que se modula a partir da relação com o mundo de forma singular. O campo não somente chega antes por se tratar de uma outra relação com a pesquisa, mas ele também encarna na pesquisa e no corpo que movimenta a pesquisa.

O cruzo, tal como operado pelas macumbas e pelos saberes afro-indígenas, desloca o método de uma rota linear para um caminhar sinuoso, afetado, atento e comprometido com o comum que se cria no entre. A encruzilhada, enquanto campo de imprevisibilidade, criação e transgressão, tensiona o pesquisador a cultivar outra qualidade de atenção, aquela que escuta com o corpo, que sente o chão, que conversa com os ventos. Assim, o cruzo não é apenas metáfora, mas dispositivo que enfeitiça o método, abrindo espaço para que Exu, princípio de movimento e transformação, atravesse a pesquisa. O terreiro, por sua vez, não é só campo empírico, mas território ontológico que convoca um outro modo de saber, onde a presença, o afeto e a implicação são inegociáveis.



Nesse sentido, o gesto cartográfico que aqui se propõe não busca mapear territórios já dados, mas confabular mundos encantados, mundos outros. O que se delineia, portanto, é uma proposição do cruzo, uma cartografia encruzilhada, que assume a instabilidade como potência e o encantamento como horizonte ético de pesquisa. Damos aqui de comer à Exu, a Psicossociologia e a cartografia, numa encruzilhada movimentada, a fim de obtermos juntos dele, práticas que sejam territorializadas partindo de nossos chãos de pesquisa. “Como elemento energético dinamizador e plasmador, ele é o que desenvolve, mobiliza, faz crescer, transformar” (Machado, 2010, p. 13).

A fim de pensarmos as possibilidades práticas em uma metodologia da encruzilhada, uma metodologia encruzilhada ou, abandonando a presunção do método, um caminho de pesquisa por entre a encruzilhada, trazemos uma pequena história.

Exu, o cartógrafo, as encruzilhadas e a reinvenção de caminhos

É mais um dia para nosso cartógrafo. Entretanto, hoje não é um dia qualquer, é dia de campo. O cartógrafo sabe que dias de campo não são como qualquer outro. Um dia de campo é um dia de preparo, de um distinto estado de presença.

Nosso cartógrafo levanta da cama, faz seu café, se troca, confere suas ferramentas de trabalho (diário de campo, gravador, caneta - tudo certo!) e prepara-se para sair de casa.

Bom, em que consiste esse preparo? Você deve estar se perguntando. Respondemos... O preparo do cartógrafo, na verdade, não começa agora. Talvez possamos dizer que ele termine hoje, ou melhor, renasça hoje - sendo devorado e devolvido de outra maneira pelo próprio campo. O preparo é constante e sempre atualizado ao longo do processo de pesquisa..

Esse preparo começa ainda sentado na cadeira da uma sala de aula, meses antes do início do seu campo. Pensando, criando seu futuro campo, mesmo que, aqui atrás, ele ainda não tivesse nenhuma forma. É um preparo inventor de mundos. Nele envolve-se o corpo por completo. Para habitar outros mundos, outros territórios, outras possibilidades, é preciso experimentar outros corpos, outros estados. Assim, o cartógrafo prepara seu corpo para que possa responder aos infinitos e constantes movimentos de abertura-fechamento presente ao longo do percurso. Ele entende que no campo é preciso saber perceber, é necessário poder sentir. Habitar o campo, nessa perspectiva, é tornar-se parte do campo, costurar parte de sua rede.



Nosso cartógrafo lembra então de suas aulas... anotações acerca de uma outra disposição corporal, de uma percepção aguçada, de um outro estado de atenção. Ele lembra que esta deve flutuar, observar, e deixar-se capturar pelo campo e seus movimentos. Nosso cartógrafo não pensa em dominá-lo, tampouco imagina isso ser possível. Também não busca controlá-lo, como se fosse possível produzir resultados esperados. Ao contrário, ele deseja que o campo conduza a pesquisa e que possa o surpreender. Neste momento, emerge em seu pensamento uma história de caçador. Ele lembra que Oxóssi, ao caçar, não tem nenhuma certeza prévia de como vai ser a caça. A única certeza talvez seja de que ela vai acontecer. Um bom caçador não procura a caça mirando somente entre as folhagens, muito menos esperando que ela venha até ele. Na verdade, um bom caçador encontra a caça muito antes de achá-la. É pondo as mãos no chão e sentido a umidade do solo, observando pegadas, os recortes no caminhos, as folhas mexidas... É nas encruzilhadas das trilhas formadas sobre as folhas secas do chão da mata que o caçador sente os movimentos do espaço. Ele caça com a mata, pois, de alguma forma, precisa do aval dela para isso. Ele descobre os cominhos com ela e a partir dela. Para ser bem sucedido, ele precisa conhecer os segredos da mata. Precisa se misturar a ela. O caçador vai descobrindo a caça e a caçada ao mesmo tempo. Ele pensa que pesquisar cultiva um pouco disso.

O cartógrafo percebe que deve partir. Atravessa sua cabeça o pensamento sobre a rua. Laroyê, ele diz, enquanto saúda os seus, pedindo por proteção, caminhos, possibilidades e aberturas. Ele sai de casa com Exu na cabeça.

Nosso cartógrafo parte em direção ao seu território físico de pesquisa: um terreiro de Umbanda. Fica a poucas quadras de sua casa. No caminho, enquanto anda, nosso cartógrafo continua a refletir sobre sua prática. Ele anda por uma estrada asfaltada, desvia de buracos. Passa por terrenos baldios, espaços verdes, vento e mosquitos. Em seu caminho, encontra casas grandes, pequenas, pintadas e no tijolo. São três horas da tarde de uma segunda-feira. O que fazer quando chegar? Como guiar as conversas? Como anotar? Como... Como... como...? De repente, o cartógrafo para. Percebe-se numa encruzilhada de dupla medida: no chão, a física, que dá caminho no asfalto e uma teórico-metodológica que embaralha seu pensamento confuso. Não há separação. Não há carros vindo e ele, quase que por um transe, ao cruzá-la, direciona-se ao centro, lá mesmo, onde reside Exu.



Nosso cartógrafo entende que ali ele coloca em prática o sentido da confluência: movimentar inúmeros mundos, num mesmo lugar, num mesmo momento. Ele se lembra que saudou Exu de manhã e assim faz mais uma vez, uma vez que ele é o senhor da encruzilhada. A confluência com Exu na encruzilhada o transporta para dimensões criativas. Universos infinitos em expansão, cheios de possibilidade e invenção. Em um pensamento o campo vem a ele e ele é também pesquisador-campo. Assim tem sido, ele se dá conta. Todos esses mundos que ele vê naquele espaço são as possibilidades do seu campo, do ato de pesquisar, todos tentando fazer contato de alguma forma. Parece que muito acontece ao mesmo tempo, mas ele não se desespera, somente acompanha. Na encruzilhada, onde diferentes caminhos e possibilidades se entrecruzam, nada parece impossível.

Exu é força de criação. É o caos que dá movimento e conduz mensagens. É ele quem dá a comunicação, é ele quem dá os caminhos, as possibilidades. Se criamos, falamos, aprendemos e pesquisamos é porque Exu empresta sua força propulsora em nossas ações, ou melhor, ele é essa força em nós. Ele é o princípio motor das relações e das trocas. Assim, é ele quem comanda as encruzilhadas, espaços fora do tempo que se traduzem em possibilidades. Pensa nosso cartógrafo. Ali no centro, Exu parece sussurrar algo a nosso cartógrafo, entretanto, ele parece não entender. Começa então a concentrar-se em sua respiração, trabalhar com sua atenção. Ele se acalma e volta-se às sensações que perpassam seu corpo. O cartógrafo pensa que Exu é também um cartógrafo. Um pensamento um tanto quanto intrusivo, ele reconhece. Pensou num Exu que pesquisa. Ora, mas é claro, o ato de conhecer é de Exu, aquele que permite a relação, e é a partir do encontro que pontes são feitas e mundos construídos. A relação com o mundo é criadora do mundo em si. A pesquisa, a escrita, inventam mundos. Exu então pesquisa porque Exu cria e porque Exu inventa. Chega, disse ele. Preciso ir, se não vou me atrasar.

Ao retornar, saindo daquela espécie de transe, sente-se caminhar em direção a um outro estado de atenção, sente-se mais presente. Nosso cartógrafo percebe que no, canto da rua, havia um lindo padê. Havia restos de uma garrafa de cachaça e charutos fumados pela metade no chão. Instantaneamente nosso cartógrafo se arrepia, pede licença. Que sonhos aqui não foram entregues? Pensa ele. Lembra de seus próprios sonhos e retorna o pensamento à sua pesquisa. Rapidamente, ao olhar a seu redor, nos caminhos da encruzilhada, recapitula o que vem fazendo:

(1) Lembra daqueles que falam com ele, os que escrevem junto dele, pesquisam junto. (2) Lembra



dos que já fizeram, das histórias contadas, das histórias acontecidas, lembra do que constitui, institui o território. As coisas como se apresentam. (3) Atravessa sua cabeça agora os caminhos futuros, o que ainda não foi feito, o que há de possibilidade. (4) E, quase como uma tromba d'água de pensamentos, tudo isso recai sobre ele, como um peso, uma responsabilidade sobre o que ele vai fazer agora com tudo isso. Nesse movimento, ele parece ser levado a pensar sobre os cruzos e as amarrações que tem feito para de fato chegar em seu campo a partir de um lugar diferente. Pensa nas amarrações em seu ato de pesquisar. Ele se sente encruzilhado.

Há um entendimento de que quando em encruzilhadas, deve-se escolher. Uma lógica um tanto binária e monocultural, como tem sido o mundo, mas que não combina com os ocupantes das encruzadas. Para nosso cartógrafo, ali não é lugar de escolhas, necessariamente, mas de habitação dos paradoxos, das inconsistências, dos possíveis, dos rastros e das rasuras. Aprendeu assim com um Malandro, quando nem ainda se pensava cartógrafo. Sendo assim, ele entende que se encruzihar remonta ao atravessamento por um movimento específico. Neste momento, ele pega seu diário e desenha algo...

É um movimento espiralar sobre os caminhos e sobre si mesmo. Isso tem a ver com seu processo de cartografar, de pesquisar, ele se dá conta. Olhando assim, pesquisa parece ser algo sobre ir ao encontro, de dentro, de fora, aos lados, atrás e à frente. Ele continua a observar o padê e reflete que Exu habita, não só no caminho, mas no desejo, no ímpeto, e também no afeto. Parece que o afeto-ato de pesquisar, para ele, é extremamente exusíaco, ainda que ao mesmo tempo, lhe pareça um pouco estranho juntar Exu e pesquisa. Quase como se Exu não pudesse ocupar esse espaço... o que é estranho porque ele é esse espaço. Agora, nosso cartógrafo, sente-se ainda mais dentro de seu campo. Continua a andar e se aproxima do tal terreiro de Umbanda. É lá que sua pesquisa tem continuidade.

Na porta, ele bate palmas e espera ser atendido. Enquanto isso, pede a Exu que faça dele um bom pesquisador. Ele lembra de sua preparação mais cedo, de suas aulas, das teorias. Lembra do seu corpo, dos seus afetos e retoma sua atenção. Lhe parece que ser encruzilhado deslocou seu corpo. Ao encruzihar-se, a encruzilhada e seu corpo, dobram-se sobre o movimento de pesquisar, o colocando num giro que mais uma vez vai e vem, entra e sai, passeia no espaço-tempo e no fim se agrupa em sentido.



O cartógrafo, ao lado de Exu, sente-se leve e preparado para estar em campo. Prepara seus assentamentos corporais, amarrações teóricas e cruzos metodológicos. E, em última instância, se lança. Ele quer captar linhas de força, ter seu corpo tocada por aquilo que é movimento. O tempo todo ele procura por Exu e talvez Exu também procure por ele. É a convocação a um trabalho sensível de percepção.

Ele segue...

Compartilhamos essa história buscando partilhar um pouco do processo pensado para uma metodologia que possa beber do seu campo de forma direta, ao mesmo tempo que costura com outras metodologias já utilizadas. Na narrativa, nosso cartógrafo tem, no encontro com a encruzilhada, atravessamentos acerca do seu modo de pesquisa. Amparado nos conhecimentos cartográficos, ele é convidado a refletir sobre o giro na encruzilhada. Ao enumerar suas percepções nesse espaço, nos deixa pistas de um modo de agir:

- (1) Lembra daqueles que falam com ele, os que escrevem junto dele, pesquisam junto;
- (2) Lembra dos que já fizeram, das histórias contadas, das histórias acontecidas, lembra do que constitui, institui o território. As coisas como se apresentam;
- (3) Atravessa sua cabeça agora os caminhos futuros, o que ainda não foi feito, o que há de possibilidade;
- (4) E, quase como uma tromba d'água de pensamentos, tudo isso recai sobre ele, como um peso, uma responsabilidade sobre o que ele vai fazer agora com tudo isso. Nesse movimento, ele parece ser levado a pensar sobre os cruzos e as amarrações que tem feito para de fato chegar em seu campo a partir de um lugar diferente. Pensa nas amarrações em seu ato de pesquisar. Ele se sente encruzilhado.

A proposta é que giremos com a encruzilhada. Convidamos quem lê a se posicionar, imaginariamente, ou não, no centro de uma. Ao olhar para os lados, (1) refletimos sobre quem caminha conosco na pesquisa: com quem pensamos, falamos e andamos? Quais vozes trazemos e quais optamos por não trazer? Trata-se de um gesto ético-político que atravessa toda a escrita e processo de pesquisa. Ao olhar para trás, (2) revisitamos o que já foi feito no campo, as forças do instituído, enquanto aquilo que é duro, rígido, que molda e mantém as instituições como são, e do instituinte, as forças produtivo-desejante-revolucionárias que transformam e criam instituições (Baremblytt, 2002); as heranças presentes na aproximação proposta dentro do chão de pesquisa. À



frente, (3) vislumbramos o que desejamos construir, não como modulação do campo, mas como criação. Por fim, (4) a atenção paira sobre o corpo e seu modo de estar no campo.

No meio, já tendo atravessado os pontos anteriores, somos convidados a repensar nossas articulações, nossa postura, os cruzos e amarrações que carregamos. Com os vetores sobre o corpo, pensamos nossa atuação implicada e situada. Percebe-se também como este interage e percebe o campo, uma vez que uma outra atenção, um outro estado-de-espírito, se faz necessário numa encruzilhada (e numa pesquisa). Como estamos em movimento espiralar, revisitamos continuamente esses pontos, num processo vivo de análise e refinamento que atravessa toda a pesquisa. Pesquisar, aqui, é habitar a encruzilhada e performar suas forças. Nessa abertura, a atenção também é especialmente valorizada e cuidada, durante todo ato de pesquisar.

Com licença, Exu e algumas amarrações finais

Nos caminhos trilhados até aqui, intencionamos assentar a Psicossociologia, e suas possibilidades metodológicas, junto às estripulias de Exu, as amarrações do cruzo e os paradoxos da encruzilhada. Nossa afirmação é na política de vida, do encante, na produção de mundos que sejam criativos, abertos, possibilitadores. Uma vez que o ato de pesquisar cria certas realidades, pensamos, ainda sob a ação espiralar da encruzilhada, quais mundos são esses que queremos produzir.

Exu não determina caminhos. Força motriz das caminhadas, quando nos vemos nas encruzilhadas, Exu ensina que é preciso fazer escolhas - mas também, ao mesmo tempo, sustentar as diferenças e os paradoxos ali presentes. Em tempos de incertezas, imprevisibilidades e rupturas, evocar outros modos de produzir conhecimentos é urgente para “adiar o fim do mundo”, reinventar presentes-futuros possíveis, reencantar trilhas ético-político-epistemológicas. Com licença, Exu e abre-caminhos: que sejamos corajosos para insistir e reinventar outros modos de conhecer e construir conhecimentos nas encruzilhadas.

Bibliografia

ASSIS JÚNIOR, António de. **Dicionário kimbundu-português, linguístico, botânico, histórico e corográfico**. São Paulo: Legare Street Press, 1994.

BAREMBLITT, Gregório Franklin. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. 5. ed. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2002.



BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduard; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 52-75.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: UBU, 2023.

FLORENCIO, Giovani. KLEIN, Thais. Corpo-território de Axé: nas encruzilhadas entre o candomblé e a psicologia. **Humanidades e Inovação**, Palmas, v.10, . 19, p. 307-321, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21ª edição. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.

HADDOCK-LOBO, Rafael. Abre-caminho: **Assentamentos de metodologias cruzadas**. Rio de Janeiro: Ape'ku, 2022.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografia é traçar um plano comum. **Fractal, Rev. Psicol.** v. 25, n. 2, p. 263-280, maio/ago. 2013.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**; v. 19, p. 15-22, jan/abr. 2007.

KILOMBA, Grada: **Desobediências poéticas** / curadoria Jochen Volz e Valéria Piccoli; ensaio Djamila Ribeiro. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KROEF, R., GAVILLON, P., RAMM, L. Diário de Campo e a Relação do(a) Pesquisador(a) com o campo-tema na pesquisa-intervenção. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 464-480, 2020, doi:10.12957/epp.2020.52579.



LATOURE, Bruno. **Reensamblar lo social: una introducción a la teoría del actor-red**. Buenos Aires: Manantial, 2008.

LAW, James. **Making a mess with method**. 2003. Disponível em: <http://www.heterogeneities.net/publications/Law2006MakingaMesswithMethod.pdf>. Acesso em 2, jun. 2025.

MACHADO, Vanda. Exu: o senhor dos caminhos e das alegrias. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA – ENECULT, 6., 2010, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2010. p. 1-17. Disponível em: <https://cult.ufba.br/wordpress/24929.pdf>. Acesso em: 14 set. 2025.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória: o reinado do rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva, 2021.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & Educação Decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência**. Salvador: EDUFBA, 2020.

MORAES, Márcia. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In: MORAES, M.; KASTRUP, V. (Orgs.), **Exercícios de ver e não ver...**, p. 26–51. Rio de Janeiro: Nau, 2010.

NASCIMENTO, Beatriz. **O negro visto por ele mesmo**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

NASCIMENTO, Wanderson Flor. Enterreirando a investigação: sobre um ethos da pesquisa sobre subjetividades. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 72, n. SPE, p. 199–208, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36482/1809-5267.arbp2020v72s1p.199-208>. Acesso em: 21 ago. 2024.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos. Tradução: Leonardo de Freitas Neto, UFRB. **Revista do PPGCS**, UFRB, Novos Olhares Sociais, Vol.1, nº2, 2018.

PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro; MOREIRA, Mariana de Castro. Conhecer, intervir, partilhar: pistas para a pesquisa psicossocial na construção de outros mundos possíveis. **Revista Pesquisas E Práticas Psicossociais**, v. 16, n. 2, p. 1–17, 2021.

QUINTANILHA, Caroline Palmier; FLORENCIO, Giovani; MOREIRA, Mariana de Castro. Um Não-Estatuto Entre Espelhos: perspectivas negras contracoloniais In: **Trajeto Negros**, ed.1. Rio de Janeiro: Via Verita, 2024, p. 113 - 134.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019a.



RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas. Exu como Educação. **Rev. Exitus**, v. 9, n. 4, p. 262-289, Out/Dez, 2019b.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

STENGERS, Isabelle. **A invenção da ciência moderna**. São Paulo: Editora 34, 2002.

Recebido em: 15/09/2025

Aceito em: 15/11/2025

[1] Docente efetiva do Departamento de Psicologia/Universidade Federal Fluminense/Rio das Ostras. Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social/PPG EICOS/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: marianacastromoreira@id.uff.br

[2] Mestrando no Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Email: psigiovaniflorencio@gmail.com.